

EDITORIAL

Editor - Chefe da Revista Naus, **Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos**

Email: cristiano.henrique@eco.ufrj.br

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Antes de apresentar os aspectos de organização temática do 3º número da *Revista Naus* faz-se necessário compartilhar com nosso público leitor a satisfação envolvida na apresentação desta nova edição. Primeiramente, porque a despeito de seu pouco tempo de existência, a publicação vem crescendo de modo significativo em número de contribuições, assim como na qualidade dos artigos e contribuições. Deste modo, há também que celebrar o empreendimento da *Ponte Editora* em produzir inovações no layout e na diagramação da revista, de modo a torná-la, não apenas, consistente em termos de qualidade de produção intelectual, mas também visualmente agradável e com uma identidade estética que remeta fortemente à proposta de ser um veículo de enunciação de estudos culturais e comunicacionais.

Assim, convidamos a navegar pelas reflexões e pesquisas dos autores desta qualificada edição.

As imagens narram, expressam experiências e tecem o tempo. Fixas e em movimento; fotografia e audiovisual; experimento do olhar, ficção seriada ou expressões da moda e dos costumes, comportamento e consumo, a imagem é comunicacional, comunicativa e comunicante. Assim, a presente edição da *Revista Naus* se constitui por um conjunto de artigos que refletem olhares sobre as imagens, de múltiplas formas, em múltiplos suportes, inclusive o corpo. É importante destacar a força da teleficção seriada, em especial a telenovela brasileira, nesta edição.

Em “A influência do ‘quarteto mágico’ na telenovela brasileira: Análise do impacto de quatro autores na formação da narrativa ficcional televisiva”, Valmir Moratelli Cassaro regata a importância dos dramaturgos Janete Clair, Dias Gomes, Lauro César Muniz e Jorge Andrade. Reflexão pertinente ao momento em que novas ofertas de serviços para narrativas teleficcionais surgem no mercado global, é importante compreender como a telenovela brasileira se mantém enraizada na memória coletiva, sendo um produto de extrema relevância para exportação da

quinta maior emissora do mundo – a TV Globo. Também no contexto dos estudos de teleficção seriada, o artigo de Aurora Almeida de Miranda Leão “A esperança dança na corda bamba de sombrinha – a sinestesia música e audiovisual em os dias eram assim”, tem por foco o Brasil dos anos 1970-1980, mergulhado numa repressão violenta, com liberdade cerceada, instituições fechadas, exílio involuntário, perseguição a artistas, jornalistas, professores e estudantes, um período nefasto da vida brasileira. Trata-se de uma investigação sobre como a equipe de criação operou essa construção, que apresenta forte sinestesia entre a música e o audiovisual, enfatizando um instigante diálogo entre jornalismo, ficção, música e memória. Uma memória dos horrores da ditadura militar no Brasil. Por sua vez, “Gerações e comportamento de consumo – o efeito de coortes na preferência pelo produto cultural ídolos da teledramaturgia brasileira” de Mario Rubens Carneiro apresenta uma proposição metodológica sobre as relações geracionais e o consumo de telenovelas pelo público. Estudos a respeito dos efeitos de coortes sobre preferências por diversos produtos culturais levantaram evidências da existência de um período de maior sensibilidade na vida dos consumidores, no qual se desenvolvem gostos perenes levados por toda a vida. Estas conclusões oferecem a alternativa da segmentação por coortes geracionais e fornecem mais informações sobre as preferências e o comportamento dos consumidores.

Os costumes, a moda e o consumo delineiam modos de existência e transformações históricas, em especial na perspectiva dos estudos de gênero. No artigo intitulado “A moda sobre rodas: bicicletas, vestuários e comportamentos femininos”, Beatriz Beraldo e Olga Bon articulam história, comunicação e consumo com o propósito de apresentar uma análise e um relato biográfico da bicicleta, para além de um meio de locomoção. Deste modo, refletem sobre as transformações na moda, articuladas com o uso da bicicleta, promovendo importantes mudanças na participação mais efetiva das mulheres na vida pública. O texto de Maria Carolina El-Huak de Medeiros “Etiqueta e consumo: uma narrativa dos modos de ser em manuais de civilidade”, se propõe a refletir como a literatura de civilidade mediou esse processo, possibilitando o acesso às novas formas de enunciação, aos novos modos de ser, de agir e de se relacionar em prol da formação de cidadãos ditos modernos e civilizados.

Ao tratar do monóculo fotográfico, Ana Angelica da Costa Menezes, propõe uma reflexão a partir da experiência e do ato de olhar a imagem através de um dispositivo. Vislumbrar a imagem a partir da lente de uma pequena caixa. Este tema tratado em “Monóculo fotográfico: uma crônica sobre as relações e processos da imagem itinerante” desvenda um tipo de experiência visual popular entre os anos de 1970 e 1990. Semelhantes a uma luneta, os monóculos, têm em seu interior a fotografia em filme reversível, o *slide*. Essas fotografias em dispositivos de visualização eram comumente produzidas pelos fotógrafos de rua ou itinerantes. Uma perspectiva interessante de pensar a imagem fotográfica.

Com alegria, lhes entregamos a Revista NAUS.

Muito obrigado e boa leitura!